

“Olhares sobre...” com Assunção Cristas, José Junqueiro e Miguel Morgado Política é tema de conferência no Auditório Vita

A Arquidiocese de Braga recebe hoje, no Auditório Vita, às 21h00, a ministra da Agricultura e do Mar, Assunção Cristas, o deputado José Junqueiro e o professor universitário Miguel Morgado para um debate sobre as grandes questões que marcam a atualidade política nacional.

A iniciativa realiza-se no âmbito do ciclo de conferências “Olhares sobre... Economia, Cultura, Polí-



Assunção Cristas, José Junqueiro e Miguel Morgado são os convidados desta noite

tica e Família” organizada pela Nova Ágora, que tem como missão a «promoção de discussões autênticas e abertas a toda a sociedade civil sobre os temas que mais influenciam a atualidade, englobando para tal os contributos de personalidades que são reconhecidas pelo valor do seu pensamento, independentemente da sua fé ou ideologia política», como refere o Arcebispo primaz, D. Jor-

ge Ortiga.

O Ciclo de Conferências “Olhares Sobre...”, que conta com a colaboração da GTI, encerra a 20 de março, com um debate sobre “Família”, no qual vão participar António Pinto Leite, presidente da ACEGE, a psicóloga Margarida Cordo, e Rosário Carneiro, ex-presidente da Comissão para a Paridade, Igualdade de Oportunidades e Família.

Pontos de Vista

Olhar sobre a política: nem tudo é relativo

Deixando de lado as conceções teóricas e epistemológicas envolventes ao conceito de política, e concentrando o nosso Olhar na nossa sociedade, gostaria de aqui propor a Política como um processo dinâmico inconcluso, que se apoia no conceito primário antropológico, ou seja, na cultura. Assim, não se pode falar de política sem se atender à forma como os seus indivíduos interagem culturalmente, nem tampouco descontextualizá-la de uma determinada identidade de um povo. Na expressão de Berger e Luckmann, receber uma identidade é um fenómeno que deriva da dialética entre o indivíduo e a sociedade e, neste contexto, a política passaria, assim, a estabelecer a ligação entre as pessoas e o seu meio envolvente. Logo, não nos é estranha, bem pelo contrário, envolve-nos, mexe connosco, altera a nossa vida, o presente e o futuro. Daí que sem a política não podemos viver e a ela, como cidadãos responsáveis, temos que dar uma palavra. Não pode-

mos ficar de fora, temos de nos envolver e contribuir para exigir. Levantasse, assim, a questão: que política estamos a construir? Uma política que nos leva a ser melhores, a procurar a Verdade, o Bem, a Beleza?

O poder e o fascínio que Sócrates exercia sobre os helenos, explica-se pela descoberta que este fez de uma nova forma de política, a luta através da palestra, que fascinava e inflamava o instinto vital dos helenos. Em contrapartida, Platão venerava Sócrates com o adjetivo de mestre, pois herdara dele a mesma pretensão à universalidade, o postulado da sabedoria como caminho para o Bem e para a Virtude.

Foi Sócrates, para Platão, uma figura da “polis” singular da sua época, um amante da sabedoria e da verdade, que opôs, de forma sóbria e ponderada, o seu discurso dialético à retórica ocasionalista e pragmática dos sofistas. E se resgatássemos para os tempos modernos este modelo de fazer política?

Não seria possível, nos tempos de hoje, falar da política portuguesa a partir de uma qualquer definição fechada, circunscrita a uma só dimensão. Se assim fosse, estaríamos a enviesar o nosso olhar, já que a política dos tempos modernos tornou-se naturalmente mais aberta e comunicada.

É inegável que o fenómeno da globalização veio abrir, ou mesmo confundir, todo este processo.

A ideia de política globalizada ganhou terreno ao apresentar-se como um projeto com horizonte, com futuro, em que o que se pretendia era a união e a comunicação dos povos, tendo como objetivo a construção global da paz e a maior felicidade das pessoas.

Entendido assim, o fenómeno de uma política global possibilitou a efetivação de uma das mais antigas aspirações das sociedades de todos os tempos e a própria realização da ideia de uma comunidade em termos universais que, sob a forma de rede, une todos os povos.

Todavia, a política globalizada, se por um lado forja a vizinhança entre os povos e a consequente intensificação das relações sociais e culturais, por outro lado, tende a atenuar a individualidade das culturas com menor capacidade afirmativa, já que elas são forçadas a conformar-se com os padrões de comportamento das massas.

Com o impacto das políticas globalizadas, da abertura das fronteiras, da internacionalização, etc., a sociedade passa a ser uma poderosa rede de fenómenos mais ou menos complexos, imbricados, marcada pela pluralidade de diferentes formas de viver, de estar, de expressar as suas crenças, etc. Há, portanto, uma clara necessidade de se redefinir a atitude política, de encontro com as pessoas, atendendo simultaneamente ao conjunto e à particularidade, mas, para isso, precisamos de políticos de rua, e não de convento, gente simples, próxima, que recorra à mesma gramática, sem jogos retóricos e aritméticos, sem comple-

xos de superioridade e, para tanto, é urgente uma educação para a política.

A educação é, neste contexto, a forma possível de termos homens e mulheres responsáveis e comprometidos com o bem comum, sendo este o caminho para a sustentabilidade, a garantia de futuro.

A melhoria do nível educacional, em termos políticos, é, a médio prazo, a orientação que mais poderá contrabalançar resistências ao processo de integração, na medida em que permite aos cidadãos uma melhor compreensão dos processos em causa, como lhes alarga o leque de possibilidades de inserção social, cultural, religiosa e até económica.

A cultura e a política de um povo surgem assim da dialética entre o indivíduo e a sociedade por referência a processos configuradores das relações sociais, como sejam as normas e os valores coletivos, ao que Deschamps designa por um universo simbólico comum de valores. Logo, a política, no seu sentido mais nobre,

não é definitivamente resultado de decisões insuladas, mas de uma construção participada por todos os indivíduos de uma comunidade, que é naturalmente geradora de manifestações e de significados múltiplos.

Portanto, sempre que as posturas políticas privilegiam interesses pessoais ou enveredam por caminhos relativistas, porque afirmam que Gandhi ou Mandela não são nem mais nem menos virtuosos do que Adolfo Hitler, então, tudo em política, ou praticamente tudo, é possível, e, portanto, nada ou pouco nos resta.

É preciso, então, abandonar as metáforas da retórica e os populismos porque são uma casca vazia que nutrem somente a parte irracional do homem, afastando-nos dos verdadeiros problemas do ser humano. Há que vestir a pele do guerreiro e propor, sem medo, uma nova sociedade, mais justa e fraterna.

Eduardo Duque, Coordenador da Nova Ágora e Professor da UCP